



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por peregrinar em Igreja

EDITORIAL

Os três centenários de 2020

A 1 de dezembro, início de um novo ano litúrgico, iniciámos também, no Santuário, um novo ano pastoral, que nos convida a “dar graças por viver em Deus”. Trata-se do terceiro ano do triénio pós centenário, que estamos a viver como “Tempo de graça e misericórdia”.

Pe. Carlos Cabecinhas

Em 2020, há três centenários especialmente relevantes para o Santuário de Fátima: o centenário da morte de Santa Jacinta Marto, os cem anos da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições, e os cem anos do início do ministério episcopal de D. José Alves Correia da Silva na diocese de Leiria. Estes centenários não têm, contudo, a mesma importância.

Por um lado, o centenário da imagem de Nossa Senhora de Fátima é especialmente relevante, pois aquela imagem tornou-se não só o grande símbolo de Fátima, mas também uma das mais conhecidas figurações de Nossa Senhora no mundo católico. Sendo a primeira de uma série, dá início a uma nova representação de Maria e sob um título novo: Nossa Senhora do Rosário de Fátima. É a passagem deste centenário que está na origem da exposição temporária “Vestida de Branco”, inaugurada no passado dia 30 de Novembro e que durante todo o próximo ano pastoral é oferecida aos peregrinos que a queiram visitar.

O tema do ano, por outro lado, parte do centenário da morte de Santa Jacinta e no seguimento do centenário da morte do seu irmão, S. Francisco Marto, no presente ano de 2019: a santidade, isto é, como “viver em Deus”. A inspiração bíblica vem da Primeira Carta de S. Pedro e da sua exortação “sede santos” (1 Ped 1, 15). A Lúcia, nas Memórias, apresenta a santidade – essa santidade a que S. Pedro exorta – como vermo-nos a nós próprios em Deus, na sua luz: na primeira aparição, na Cova da Iria, Nossa Senhora abriu as mãos e comunicou aos Pastorinhos uma luz intensa, “fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz”, diz a Lúcia (IV Memória, sobre a aparição de 13 maio de 1917).

Nos santos Francisco e Jacinta, ao celebrarmos os cem anos das suas mortes, descobrimos a exortação a vivermos a santidade nas nossas vidas. Esta exortação à santidade decorre da nossa condição de batizados: todos os batizados são chamados a serem santos. Deste modo, o presente ano pastoral pretende ajudar os peregrinos a tomarem consciência da sua vocação à santidade enquanto vida em Deus; da necessidade de conversão como recentramento da vida em Deus; da experiência da misericórdia de Deus como convite a viver em Deus. Os peregrinos são convidados a descobrir Fátima como “escola de santidade”, quer na espiritualidade cristã proposta pela mensagem de Fátima, quer na vida dos Santos Pastorinhos, que encarnaram exemplarmente essa espiritualidade.

Com os Santos Pastorinhos, aprendamos a viver em Deus e damos-Lhe graças, por nos chamar à vida plena na comunhão com Ele.

Desejo um santo e feliz Natal a todos os leitores da Voz da Fátima e aos peregrinos, colaboradores, amigos e benfeitores do Santuário.

Começou em Fátima um novo ano pastoral

O bispo de Leiria-Fátima presidiu à jornada de apresentação do Tema do Ano Pastoral: “Dar Graças por Viver em Deus”, e desafiou os cristãos a serem “mais entusiastas” a falar de Deus.

Carmo Rodeia



Tema do ano pastoral foi apresentado pelo padre João Aguiar Campos.

Os peregrinos de Fátima foram convidados pelo cardeal D. António Marto a dar “valor à vida invisível”, seguindo o exemplo da vida dos videntes de Fátima, os Santos Francisco e Jacinta Marto.

“A vida invisível, que não dá nas vistas, é um dos grandes dons de santidade” afirmou o prelado ao lembrar que nem Francisco nem Jacinta, “conheceram a realidade das redes sociais ou a fama”, mas eram “santos dos pequenos gestos, dos pequenos detalhes que brotavam do coração”.

O bispo de Leiria-Fátima sublinhou que falar de santidade “hoje não goza de grande fama nem audiência nem recolhe a melhor imprensa”, mas “é um tema importante nos nossos dias”, “está ao alcance de todos e não apenas de uns eleitos” e expressa-se no quotidiano.

“A comunidade que guarda os pequenos detalhes do amor, e os partilha, é um lugar de santidade: um ato de ternura, uma ajuda generosa, uma palavra boa, um sorriso, um afeto, uma partilha de dons materiais ou espirituais, constituem pequenos gestos insignificantes mas que, aos olhos de Deus, são eternos e santos”, disse D. António Marto.

O tema da santidade, e em particular, a forma como a podemos viver nos dias de hoje, é o convite central do Santuário neste ano pastoral que começou no primeiro domingo do advento, a 1 de dezembro.

“O presente ano pastoral pretende ajudar os peregrinos a tomarem

consciência da sua vocação à santidade enquanto vida em Deus; da necessidade de conversão como recentramento da vida em Deus; da experiência da misericórdia de Deus como convite a viver em Deus” afirmou, durante a mesma sessão, o padre Carlos Cabecinhas, ao sublinhar que os peregrinos são convidados a descobrir Fátima como “escola de santidade”, quer na espiritualidade cristã proposta pela mensagem de Fátima, quer na vida dos Santos Pastorinhos, que encarnaram exemplarmente essa espiritualidade.

O responsável pelo Santuário lembrou, por outro lado, que a dinâmica pastoral do ano tem como referência, além da efeméride do centenário da morte de Santa Jacinta, os centenários da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima e o da ordenação episcopal de D. José Alves Correia da Silva, o primeiro bispo da então recém restaurada diocese de Leiria, também designado como primeiro grande Bispo de Fátima.

O tema do ano foi apresentado pelo padre João Aguiar Campos, antigo Diretor do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais. O sacerdote sublinhou que “Fátima é interioridade” e “uma escola que tem Maria como professora da centralidade de Deus”.

“Fátima é interioridade, caminho a partir de dentro para fora: da conversão pessoal à transformação do mundo” e é “escola de oração na oração adoradora e contemplativa de Francisco; na oração generosa, compas-

siva e esquecida de si de Jacinta; na afirmação da presença misericórdia de Deus na história, que Lúcia não se cansou de proclamar” afirmou.

“Os três videntes mostraram um coração ocupado a perceber e fazer a vontade de Deus aprendida na escola de Maria. Fátima é casa materna onde a ação e a contemplação se conjugam”, esclareceu.

O sacerdote começou a sua conferência, em jeito de meditação, propondo um percurso prévio pelos “lugares santos quotidianos”, lendo-os como “espaços de aceitação da misericórdia e da obrigação de louvor”.

O padre João Aguiar Campos afirmou que o aprofundamento da dimensão batismal da mensagem e dos modelos de santidade desafiam os cristãos a “mergulhar na experiência de Igreja Povo que vive em Deus, na comunhão dos Santos”, a olhar para cada dia como tempo de graça e misericórdia” e a “viver diariamente em Deus com o coração agradecido e os lábios entoando os Seus louvores”.

A Jornada de Apresentação do Ano Pastoral, que foi precedida da inauguração da exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima, intitulada “Vestida de Branco”, contou este ano com uma novidade: os voluntários do Santuário de Fátima foram convidados a assumir ou a renovar o Compromisso do Voluntário, expressão máxima desta vida em Deus, na disponibilidade para o outro.

Peregrinos convidados a viver a santidade a partir da escola de Maria

DAR GRAÇAS POR VIVER EM DEUS

TEMPO DE GRAÇA E MISERICÓRDIA
ANO PASTORAL 2019-2020



Os exemplos dos santos Francisco e Jacinta Marto acompanharão a vida do Santuário ao longo deste ano pastoral, durante o qual somos especialmente desafiados a "Dar Graças por viver em Deus".

Carmo Rodeia

"Tempo de Graça e Misericórdia: dar graças por viver em Deus" é o tema do novo ano pastoral em Fátima, o último do primeiro ciclo pós-centenário das Aparições. Inspirado na primeira Epístola de Pedro – "Sede santos" (1 Ped 1, 15) – e tendo presente o excerto das Memórias da Irmã Lúcia: "[Nossa Senhora comunicou-nos] uma luz tão intensa, [...] fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz [...]" (IV Memória, sobre a aparição de 13 de maio) – o Santuário preparou este ano pastoral centrado nesse apelo universal à santidade que consta dos documentos do Magistério e que, na Cova da Iria, se materializa como um chamamento à vida em Deus, segundo o exemplo dos videntes de Fátima, em particular dos santos Francisco e Jacinta Marto.

Ao todo, durante este ano, serão desenvolvidos vários conteúdos temáticos a saber: a vocação batismal à santidade; a vida cristã como vida em Deus; a conversão como recentramento da

vida em Deus; a santidade para os dias de hoje; as dimensões de uma espiritualidade cristã à luz da mensagem de Fátima; a experiência da graça como experiência da santidade de Deus; o Santuário como espaço de encontro com o Deus Santo; a experiência da misericórdia de Deus como convite a viver com Ele; Fátima como escola de santidade; Francisco como modelo de santidade; Jacinta como modelo de santidade e Lúcia como modelo de vida cristã.

A santidade "não é um privilégio reservado a alguns eleitos, é a vocação de todos nós Cristãos", como nos recorda o Papa Francisco na Exortação Apostólica sobre o chamamento à santidade, Alegrai-vos e exultai, e o reitor do santuário de Fátima, Pe. Carlos Cabecinhas, lembrou-o no passado dia 1 de novembro ao sublinhar que ser santo é "não nos resignarmos com uma vida medíocre, superficial e indecisa, sem horizonte ou sem exigência".

"Ser santo é aproximarmo-nos

e imitar Jesus, porque os santos são aqueles que souberam confiar as suas vidas a Deus, e vem-nos à mente a pergunta de Nossa Senhora aqui em Fátima aos Pastorinhos: 'Quereis oferecer-vos a Deus?', considerou o reitor, que afirmou ainda que este ato de aceitar confiar a vida nas mãos de Deus é "sinal de santidade".

"Talvez a nossa grande dificuldade em aceitar isto, resida no equívoco de identificarmos a santidade com a perfeição, isto é, com uma conduta sempre irreprensível, mas os santos não foram perfeitos, souberam aproximar-se de Deus com as suas fragilidades e defeitos, os santos não são impecáveis, são limitados como nós, mas no meio disso souberam aproximar-se de Deus e entregar-lhe as suas vidas. Todos somos chamados a ser santos desde que entendamos o que é ser santo", afirmou o sacerdote.

Na mensagem de Fátima há este horizonte, que passa por

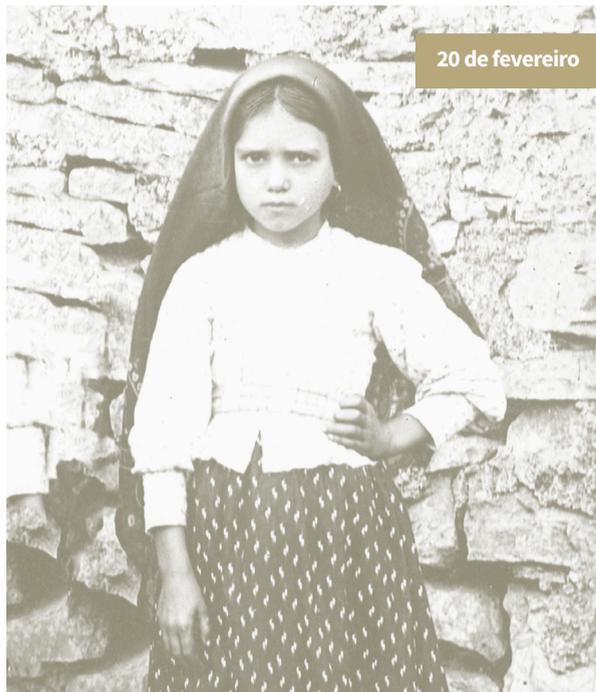
conduzir cada um a Deus e "à vida de comunhão com Ele, isto é, a uma vida santa, e é isto que é Fátima: o convite a uma vida santa".

Mas a santidade em Fátima também é visível nos protagonistas, os Pastorinhos, e "neles encontramos não apenas o enorme desejo de serem santos, desejo que tanta vezes a nós nos falta, mas igualmente o esforço diário por serem humildes, justos, misericordiosos, pacíficos, puros de coração como Jesus Cristo, porque neles descobrimos este esforço de viver de acordo com as Bem-Aventuranças", acrescentou ainda ao lembrar que chamamento, compromisso e vocação são palavras centrais na mensagem e também neste convite permanente a viver em Deus.

Durante este ano pastoral vários serão os momentos em que este chamamento a um compromisso de vida, conformada à palavra de Deus, será um apelo constante, através de linguagens diversificadas que vão das cate-

queses, à música, conferências e momentos de maior espiritualidade como são os retiros e as oficinas pastorais, desenvolvidos no âmbito da Escola do Santuário. De entre estes eventos destacam-se os Retiros da Luz, que começam já em dezembro (6 a 8) com a "Alegria da Luz", durante o tempo do Advento, seguindo-se depois mais três edições na Quaresma, na Semana Santa e no Tríduo Pascal. Destacam-se igualmente as Jornadas As crianças, a morte e o luto, em maio, e as visitas temáticas à exposição temporária Vestida de Branco – exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima. Em junho, realiza-se o Simpósio Teológico-Pastoral e em julho a V Edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima. Também voltará o Projeto SETE – Imersão de voluntariado jovem no Santuário e o programa Vem para o Meio, destinado a proporcionar férias para pais de pessoas com deficiência.

Em 2020, Santuário de Fátima celebra três centenários



Morte de Santa Jacinta

Jacinta, a irmã mais nova de São Francisco Marto, e também ela canonizada a 13 de maio de 2017, morreu a 20 de fevereiro de 1920. Impressionada pelo sofrimento dos pecadores, reza e sacrifica-se pela sua conversão, pela paz no mundo, e pelo Santo Padre: “Sofro muito, mas ofereço tudo pela conversão dos pecadores e para reparar o Coração Imaculado de Maria, e também pelo Santo Padre”, confidenciou a Lúcia, na sua doença. E, pouco antes de morrer, dizia: “No Céu vou amar muito a Jesus e o Coração Imaculado de Maria”.

A atitude de compaixão é a marca distintiva de Jacinta, que dedica toda a existência à missão que a Senhora do Céu lhe confia: “Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e de Maria!”

O amor a Nossa Senhora e este desejo conformador da sua existência com o Coração de Jesus, levou Jacinta a desejar segui-Lo, percorrendo o mesmo caminho que o Mestre. E, nem sequer na solidão da doença, quando lhe foi negada a possibilidade da comunhão ou quando a ferida que lhe rasgava o peito a fazia sofrer, perdeu a serenidade própria de quem confia e de quem ama, ao jeito de Maria, sua mestra na Escola de Santidade, como afirmou o Papa São João Paulo II. Durante a sua estadia na prisão, em Ourém, quando Lúcia lhe pede para escolher uma intenção pela qual oferecer os sacrifícios – pelos pobres pecadores, ou pelo Santo Padre, ou em reparação ao Imaculado Coração de Maria – Jacinta não hesita em responder: “eu ofereço por todas, porque gosto muito de todas”. (Texto escrito a partir da espiritualidade de Jacinta, Fundação São Francisco e Santa Jacinta Marto)



Imagem de Nossa Senhora

A escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições, foi oferecida em 1920 por Gilberto Fernandes dos Santos, de Torres Novas, tendo sido benzida no dia 13 de maio desse mesmo ano, na Igreja Paroquial de Fátima, e trazida para a Capelinha um mês depois. Foi solenemente coroada em 13 de maio de 1946 pelo cardeal Aloisi Masella, legado pontifício.

A escultura da autoria de José Ferreira Thedim é constituída por blocos de madeira de cedro do Brasil (cedrela odorata L.) e mede 1,04 metros. Tem várias camadas cromáticas e os motivos dourados são feitos com folha de ouro de 22 e de 23,5 quilates. Os olhos são de vidro e nas vestes e manto foram incrustadas pedras de cristal de rocha, de vidro e diamantes. Foi restaurada pelo autor em 1951 e, posteriormente, várias vezes retocada.

A escultura fez 12 viagens com sentido cultural, três delas ao Vaticano a pedido dos Papas.

Nos primeiros tempos, a Imagem era recolhida por Maria Carreira, a zeladora da Capelinha das Aparições, para sua casa. Por essa razão, o atentado de 1922 não afetou a escultura.

A escultura mais universal do catolicismo contemporâneo vai estar na exposição temporária Vestida de Branco, no Convívium de Santo Agostinho, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade no dia 13 de junho, depois das celebrações da Peregrinação Internacional Aniversária, que assinala a segunda aparição da Virgem aos pastorinhos de Fátima.



D. José Alves Correia da Silva

Ordenado bispo da diocese restaurada de Leiria, em julho de 1920, D. José Alves Correia da Silva foi o prelado que chancelou o acontecimento de Fátima ao declarar numa carta pastoral de 13 de outubro de 1930 “como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria” e ao permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima, que deu um impulso extraordinário ao Santuário que haveria de nascer. A ele se devem, de resto, algumas opções estratégicas prévias a esta carta pastoral desde as de natureza canónica até às mais pragmáticas relacionadas com a criação de infraestruturas que permitiram a projeção do atual Santuário. Também será pela sua mão que a mensagem de Fátima começará a correr mundo, pois foi D. José que autorizou as primeiras saídas da

Imagem da Capelinha das Aparições. De referir que é no seu episcopado que se realiza a primeira peregrinação nacional a Fátima, em maio de 1931; a consagração do mundo e da Rússia ao Imaculado coração de Maria, por Pio XII; a coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, em 1946, e a abertura do processo de beatificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto.

D. José Alves Correia da Silva faleceu em 1957 e os seus restos mortais estão sepultados na Capela-mor da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Um ano antes de falecer, o Papa Pio XII nomeou-o assistente ao sólio pontifício, uma distinção de honra que, então, os papas concediam a prelados em sinal de reconhecimento pelos trabalhos prestados à Igreja.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua Rainha Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacaosocial@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

António Marujo

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“Ser capaz de recriar a linguagem do Evangelho propondo-a de outra forma é o grande desafio e Fátima pode ter aí um protagonismo importante”

“Fátima é um depósito onde as pessoas deixam e guardam a sua vida. Cada pessoa deposita aqui a sua vida; cada rosto diz muito sobre muitas razões que levam as pessoas a irem a Fátima”



“Gostava que em Fátima fossem propostas novas linguagens para os jovens na sua relação com o Evangelho”

O jornalista e escritor de vários livros, entre eles “Senhora de maio: todas as perguntas sobre Fátima”, é o convidado do PODCAST #FátimanoséculoXXI de dezembro. De olhos postos no presente, porque é neste tempo que temos de viver bem e dar o contributo pessoal para que “o planeta deixe de ser um lugar feio para tanta gente”, António Marujo fala da Jornada Mundial da Juventude de 2022, em Lisboa, do que Fátima tem para dar ao mundo, “crente e não crente”, e de que forma a principal chave da mensagem – a conversão – pode ser a alavanca para um mundo melhor.

Carmo Rodeia

A ideia de que Fátima seja um laboratório de onde possa sair uma nova forma de dizer o Evangelho, especialmente atractiva para os jovens do século XXI, sobretudo na véspera da realização do principal evento de juventude católica no mundo inteiro, previsto para 2022 em Lisboa, não é nova mas António Marujo assume-a como um dos principais desafios que se colocam ao Santuário neste segundo século de Fátima.

“Retomar a necessidade de uma mudança de vida e que essa mudança opere um melhoramento da vida de cada um e dos que me são próximos é muito evangélico e importante. Que Fátima o permita propondo novas linguagens, a partir da sua própria tradição, é algo que eu gostaria muito de ver” refere António Marujo no PODCAST #FátimanoséculoXXI.

“Eu gostava que em Fátima fossem propostas novas linguagens para os jovens na sua relação com o Evangelho e isso pode ser feito a partir das fórmulas já ensaiadas, e mais tradicionais, mas também podemos mudar muita coisa” refere o jornalista e escritor que tem dedicado grande parte do seu trabalho, nas duas facetas, aos temas religiosos, sendo autor de muitos livros entre os quais Senhora de maio: todas as perguntas sobre Fátima.

“Lembro que o Papa, à sua chegada à Cova da Iria em maio de 2017, fez uma reformulação total da Salve Rainha na sua saudação, e falou de alegrias, de sermos peregrinos por todos os cantos da vida, de

derrubarmos muros, de ultrapassarmos fronteiras, de partirmos para as periferias... Ou seja, uma oração que se calhar diz pouco a muita gente, porque fala de coisas muito datadas que provavelmente os jovens não entendem, eu próprio tenho dificuldade em entender, o Papa mostrou como é que da tradição podemos recriar” explicita António Marujo.

“A renovação da linguagem é muito importante e Fátima tem essa capacidade e encerra em si os instrumentos capazes de proceder a essa mesma renovação” concretiza lembrando a premência desta atitude, concretamente no contexto preparatório da Jornada Mundial da Juventude, na capital portuguesa.

“A JMJ é uma oportunidade para uma nova expressão do Evangelho, para uma nova capacidade de evangelizar de outra maneira. Mas, da experiência que tenho da minha participação noutras edições das jornadas, como jornalista, o que se tem pedido aos jovens, e se lhes tem dado, é mais do mesmo e, por isso, todas estas questões lhes dizem pouco”, lamenta.

Ainda sobre Fátima, e sobre o papel que o Santuário desempenha no seio da Igreja, António Marujo começa por afirmar que se Fátima “não é o rosto antropológico do país é seguramente uma parte importante desse rosto” e retomando uma expressão de Frei Bento Domingues – “Fátima é o cais dos portugueses” –, o jornalista recorda que na Cova da Iria percebem-se algumas questões da antropologia nacional como a saudade, o sentido da despedida ou, numa perspetiva mais abrangente, o valor da Paz.

“Os momentos finais das grandes peregrinações mostram-nos isso: quando os peregrinos acenam os lenços e cantam o refrão ‘Ó Fátima, adeus’, sente-se como que um arrepiamento, há uma como-

ção nas pessoas e essa dimensão da despedida está de facto entranhada no ethos da identidade portuguesa desde os Descobrimentos e, Fátima, traduz isso na perfeição”.

Por outro lado, para muitos que se dizem crentes, acrescenta, a “relação com o sagrado faz-se só através de Fátima”.

“Se se entender o Evangelho como uma disponibilidade para uma mudança permanente, o vir a Fátima pode ser o ponto de partida para essa mudança, que é a conversão”, remata.

“O facto de tanta gente continuar a ir a Fátima, e a tendência é em crescendo, claro que diz muito não só da atualidade da Mensagem, mas da atualidade com que as pessoas olham para Fátima. Sejamos francos: a maioria das pessoas que vai a Fátima não sabe os detalhes da Mensagem e muito menos as questões teológicas e pastorais da Mensagem; mas sabe o que para as suas vidas é contemporâneo e importante”, assinala.

“A experiência de Fátima é da ordem da fé. Independentemente dos factos em si e do que foi a visão ou aparição, as três crianças adotam a linguagem da época para dizerem coisas essenciais do Evangelho: é preciso mudar de vida, fazermos melhor do que fizemos, é preciso pensar no que andamos a fazer e relacionar essa reflexão com Deus e, depois, é preciso tirar consequências disso, cada um nas suas vidas e depois nas vidas de todos” sublinha.

“Querer ter saúde, querer ter dinheiro, querer que o casamento não acabe, querer ter pais que se deem bem, ou querer a paz no seu país ou no mundo, num sentido mais genérico, são questões que atravessam Fátima e marcam este lugar. Fátima é isto!”

O PODCAST de António Marujo pode ser ouvido na íntegra em www.fatima.pt/podcast.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Gilberto Fernandes dos Santos (1892-1964)



A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que se venera na Capelinha das Aparições, desde 13 de junho de 1920, foi criada a partir de uma iniciativa devota de Gilberto Fernandes dos Santos, um dos primeiros protagonistas de Fátima.

Diogo Carvalho Alves | Fontes: Enciclopédia de Fátima e Documentação Crítica de Fátima - Seleção de Documentos (1917-1930)

A presença nas duas últimas Aparições de 1917 haveria de ligar definitivamente Gilberto dos Santos, nascido em 1892, em Torres Novas, ao acontecimento de Fátima, fazendo brotar em si o desejo de procurar uma imagem que servisse o culto a Nossa Senhora, que a partir se propagava, a partir da Cova da Iria.

"Acreditando na verdade das Aparições, ficou na senda da minha consciência fazer toda a propaganda que me fosse possível, na intenção e desejo de que todas as pessoas também acreditassem e de mais aumentar a devoção a Nossa Senhora", escreve o próprio, no início de um livro onde conta a história da primeira Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Depois da procura infrutífera de uma imagem pelas lojas de artigos

religiosos de Lisboa, dá conta, em carta enviada ao padre Manuel Nunes Formigão, de uma nova solução para o cumprimento da demanda que assumiu como sua.

"Nada encontrei que servisse. Tive portanto de mandar fazer aos Snrs. Fanzeres em Braga", escreve, ao confirmar a encomenda de uma escultura própria, que viria a ser benzida a 13 de maio de 1920, na igreja paroquial de Fátima e, um mês depois, a ser colocada na Capelinha das Aparições.

Já na Aparição de 13 de outubro, Gilberto Santos havia distribuído, gratuitamente, à multidão que ali se deslocara, pagelas onde a aparição era representada numa composição gráfica feita por si a partir da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, venerada na Sé de Leiria (ver rubrica "Fátima ao Pormenor").

Foi também por meio de uma impressão (foto), onde já constava a imagem que doou, que divulgou, a 13 de maio de 1922, na Cova da Iria, os primeiros versos do Ave de Fátima, da sua autoria, que assumiam como base musical o Ave de Lourdes e que o tempo transformou num hino intemporal nas vozes dos peregrinos de Fátima.

Um ano depois, Gilberto abriu duas casas de artigos religiosos: em Torres Novas e em Lisboa, onde se fixou até à data da sua morte, 18 de julho de 1964.

Proactivo devoto de Fátima desde o primeiro momento, Gilberto Fernandes dos Santos personifica, nas várias diligências que tomou, a iniciativa popular que está na gênese da propagação do acontecimento de Fátima e da sua Mensagem.

A PEÇA DO MÊS



REBELO, João – Rosário de la Sanctíssima Virgen Maria Madre de Dios: Compuesto por el Padre Juan Rebelo [...]. Évora: Manuel de Lyra, 1600.

Meditações do Rosário

Obra saída da pena de João Rebelo – jesuíta português, nascido em 1541 e falecido em 1602 – foi publicada em 1600, já no período final da vida do seu autor, impressa por Manuel de Lyra, em Évora. Composta por três partes e uma significativa adenda, a publicação aborda a devoção do rosário, apresenta meditações sobre os quinze mistérios então utilizados para a prática daquela devoção e ensina o modo de se proceder à recitação do rosário e a exames de consciência, replicando a estrutura e conteúdo de Rosário de la Santíssima Virgen Maria Madre de Dios y Sennora [sic] Nuestra, publicação dada à estampa no ano anterior pelos mesmos autor e impressor.

A Biblioteca do Santuário de Fátima dispõe de um exemplar desta obra, num volume que junta os três livros e a adenda que constituem a obra, com encadernação de ataca em pergaminho e corte vermelho. Apresenta um bom estado de conservação geral, apesar de possuir uma mancha de cola na página de rosto e de apresentar um pequeno rasgão na primeira página.

Serviço de Arquivo e Biblioteca, Núcleo Audiovisual
Departamento de Estudos

FÁTIMA AO PORMENOR

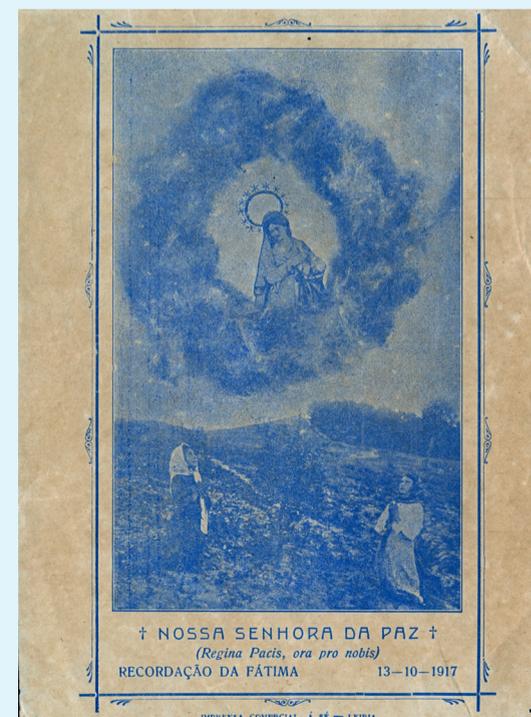
A primeira representação de Nossa Senhora de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

No rigor da História, a primeira representação gráfica da aparição de Fátima é a que foi realizada sobre papel, a partir de uma fotomontagem, distribuída por entre a multidão dos fiéis do dia 13 de outubro de 1917. Trata-se de uma pagela que conheceu duas versões e que apresenta, numa delas, duas meninas ajoelhadas ao redor de uma pequena árvore e, na outra, duas meninas e um menino (este no lugar da referida árvore que se encontra no centro da composição).

A parte superior da gravura contém, envolta por uma

auréola de nuvens, a imagem de Maria segundo a figuração típica de Nossa Senhora da Conceição, imagem muito difundida a partir das representações criadas por Esteban Murillo. Com efeito, a primeira representação iconográfica da Virgem de Fátima é operada a partir do busto da Imaculada Conceição da catedral de Leiria. A pagela foi impressa por iniciativa de Gilberto Fernandes dos Santos, o devoto que, três anos mais tarde, haveria de oferecer a imagem escultórica de Nossa Senhora de Fátima para ser venerada na Capelinha das Aparições.





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

E depois do último encontro? Pergunto-me como terão vivido aquelas três crianças de Aljustrel as horas e os dias depois do seu último encontro com a Senhora, em outubro de 1917, depois do primeiro adeus de Fátima dado na intimidade de uma bênção. Pressinto o turbilhão nos seus corações: o que seria dos seus dias agora sem a certeza da promessa do reencontro no mês seguinte? O que fariam agora que eram deixados a falar destas coisas que não compreendiam às multidões que ali se juntassem?

E depois do adeus?

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da teologia e da filosofia

Como não se sentiriam incapazes daquela missão? Como não cederiam aos medos que se instalavam entre o coração e a pele, a um certo arrepio de abandono, de desnorde, de inadequação? Quase dois milênios depois, os corações destas três crianças estavam, também eles, fechados no Cenáculo onde se juntam os discípulos do Cristo nos momentos de desesperança e desconsolo.

Também habitamos frequentemente esse andar de cima da casa do desconsolo. E, no deserto que a igreja aparenta atravessar hoje, podemos sentir a mesma tentação a deixarmos emaranhar num mar de incertezas e receios, a desesperar pelos números das nossas fileiras, até mesmo a pretender conservar lugares e domínios como se, perdendo-os, tudo se

desmoronasse. A igreja pode sentir-se tentada a fazer tudo por suportar o peso difícil da sua estrutura, como uma igreja que se prega a si mesma. É a tentação da conservação e da autorreferência, que ofusca o discernimento entre o que é urgente e o que é importante, entre o que é acessório e o que é essencial.

Mas, em Cristo, a desesperança é lugar de espera, é tempo de advento. A crise é sempre tempo de foco. Depois do adeus, chega a difícil aprendizagem da confiança. É a hora da bem-aventurança do que acredita sem ter visto. No deserto, clama uma voz para que se abra caminho ao Senhor que vem, que está, mesmo – ou, talvez, sobretudo – quando não é de todo perceptível como pode o Reino fazer-se presente através da nossa impo-

tência e dos nossos arrepios de desesperança.

Talvez comece assim o nosso advento, com esta grande interrogação que soa a desalento: e agora? Mas confiar a questão ao Senhor que vem é aceitar que o desconsolo se faça esperança na Promessa do Reino. Por definição, o cristão é o que espera. O advento é a nossa condição. Esperamos por aquele que ad-venit, aquele que vem montar a sua tenda entre nós e por nós, aquele que há de vir para que todos sejam tudo no Pai. A aprendizagem da espera é a força da encarnação: a chegada do Reino faz-se com a generosidade daqueles que esperam e confiam e se comprometem profeticamente em Deus apesar das suas incapacidades e do desinteresse do mundo. A esperança é alimento no tempo da espera.

E os sinais não tardam. Há de ser esperança a figura do bispo vestido de branco, missionário peregrino pelas cidades do Japão outrora destruídas pela força atômica da mesquinhez humana feita mal banal. Essa marca branca, tão presente na narrativa de Fátima, é sinal de uma comunidade de esperança que se propõe como semente de um Reino que não é deste mundo, mas que é oferta incondicional de transformação deste mundo.

No advento pela resposta definitiva ao nosso desconsolo e à nossa sede, Fátima recorda-nos essa presença indelével e cuidadosa: «Nunca te deixarei», «Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará». É eco da promessa daquele que vem: «Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,20).



OPINIÃO

Laurinda Alves

Tanta coisa, meu Deus! Tantas quantas as pessoas que caminham, peregrinam, visitam ou chegam a Fátima para passar umas horas, uns dias, uma temporada ou a vida inteira.

Durante anos, demasiados anos, evitei ir a Fátima nos dias de celebrações maiores. Fugia das multidões porque me davam a impressão de quebrar o silêncio interior de que sentia que precisava para rezar. E ficava no meu quarto. Ou ia à Igreja, mas não me punha a caminho de Fátima.

Um dia fui com a minha mãe e paramos ambas no recinto, primeiro para ir visitar Nossa Senhora à Capelinha das Aparições, depois para procurarmos um lugar de silêncio para rezar e ficar algum tempo. Visita habitual de Fátima desde a sua infância e adolescência, vividas com fervorosa devoção a Nossa Senhora, a minha mãe levou-me ao ponto oposto à Capelinha, onde há umas escadas, depois um átrio de pedra com uma porta em frente.

O que vamos fazer a Fátima?

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

Subimos os degraus já em silêncio, naquela cumplicidade ancestral entre mãe e filha, e foi em silêncio que entrámos na capela da Adoração, a capela do Lausperene, onde uma religiosa de hábito imaculado, está permanentemente em Adoração ao Santíssimo.

Aquela imagem de uma mulher de véu branco, em silêncio, a fazer companhia a Jesus fez-me ajoelhar de gratidão e nunca mais levantar o joelho do chão. A capela mudou de lugar e o espaço passou a ser mais amplo, mas continuo a sentir o espírito daquele lugar, a rezar no silêncio, mesmo quando em Fátima tudo à nossa volta é ruído e distração.

Comecei por evitar os caminhos de Fátima, mas como Deus se revela na minha vida com muito amor e humor, acabei por inverter esta atitude e passei a ir a Fátima por tudo e por nada. Vou nos dias maiores e nos dias menores (se é que algum dia da nossa vida pode ser considerado menor), vou para rezar e para agradecer, vou para estudar e aprender, vou para peregrinar e fazer caminho, vou porque preciso de ir e volto e torno a voltar. Sozinha, em família, com grupos de oração, com peregrinos que conheço e desconheço, com



“Durante anos, demasiados anos, evitei ir a Fátima nos dias de celebrações maiores. Fugia das multidões porque me davam a impressão de quebrar o silêncio interior de que sentia que precisava para rezar.

equipas de trabalho, com todos os que me levam lá e com aqueles que eu própria desafio.

Há muitos anos que Fátima se tornou também a minha casa e agradeço este sentido de pertença na minha oração. Vá sozinha ou acompanhada, com ou sem propósito imediato, sempre que estou em Fátima sinto-me como se estivesse em casa. E olho à minha volta e vejo milhares e milhares de pessoas que sentem o mesmo. Faça frio ou sol, seja noite ou dia, caia chuva ou faça

vento, não há tempestade nem temperatura que altere em nós esse calor da casa.

Muitas vezes me perguntaram o que vou fazer a Fátima e sinceramente também eu, quando me sentei a rezar ou simplesmente a contemplar o lugar, me interroguei sobre o que vamos fazer a Fátima. E a resposta que obtive e dei foi sempre a mesma: vamos a Fátima para estar.

Vamos para estar na companhia de Alguém que nos ama e nos acolhe, nos ampara e socorre,

nos ouve e não nos julga. Vamos para estar com nós próprios e para também nos ouvirmos, seja quando estamos aflitos ou agradecidos. Vamos para estar à escuta. Vamos para parar e sair das rotinas que nos prendem e tiram a liberdade. Vamos para suplicar. Vamos para chorar e pedir consolo. Vamos para nos reconciliar. Vamos porque acreditamos.

Vamos a Fátima porque sabemos que nunca estamos sós. Vamos porque precisamos de companhia. Vamos porque queremos, procuramos, necessitamos de consolo e norte. Vamos porque ali vemos melhor quem é a Mãe, quem é o Filho e quem é o Pai. Vamos porque sabemos que voltamos sempre confortados e, de certa forma, transformados. Vamos à procura do milagre porque sabemos de onde vem a luz que verdadeiramente ilumina e transforma.

Vamos a Fátima por tudo isto e por muito mais que sentimos e vivemos, mas nunca saberemos expressar. Tal como o vento não se explica nem se vê, mas apenas se sente, também a nossa demanda interior pela casa da Mãe não se explica. É uma urgência, uma necessidade imperativa que se sente e se vive, mesmo quando há quem não veja nem perceba.

Exposição temporária sobre a primeira Imagem de Nossa Senhora de Fátima já pode ser visitada

Inaugurou, no passado dia 30 de novembro, no arranque do novo ano pastoral, a nova exposição temporária do Santuário: “Vestida de Branco”, uma mostra que, no ano em que se celebra o centenário da criação da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima, pretende fazer uma reflexão sobre a relação entre a arte e a devoção, a partir das mais belas imagens da Virgem Maria. A exposição vai estar de portas abertas no Convivium de Santo Agostinho, no plano inferior da Basílica da Santíssima Trindade, diariamente, entre as 9h00 e as 18h00, até ao dia 15 de outubro de 2020.

Diogo Carvalho Alves

O título da nova exposição provém da descrição de Nossa Senhora feita por Lúcia de Jesus ao padre Manuel Nunes Formigão e padre Manuel Marques dos Santos, a 8 de julho de 1924, onde a vidente, à pergunta sobre “como estava vestida a Senhora”, responde que “estava vestida de branco”. É a partir deste interrogatório e da ideia de ícone à escala mundial em que a primeira escultura de nossa Senhora de Fátima se tornou que abre o preâmbulo da exposição e que derivam os restantes sete núcleos que a compõem.

No primeiro núcleo, oito esculturas de Nossa Senhora, esculpidas em Portugal e datadas entre o século XVI e a atualidade, apresentam uma síntese da figuração da Virgem Maria durante aquele período. Neste espaço, é evidenciado os cânones de beleza feminina que os artistas fixaram em cada representação da Virgem Maria.

Segue-se, no núcleo seguinte, a narrativa da imagem da Mãe de Deus, através da representação, em obras de arte, dos espaços e lugares mais marcantes da Sua vida, desde o seu nascimento à sua morte e Glória, no Céu, assumindo-se como centro de leitura a Cruz de Cristo.

A plasticidade da atualidade assume o foco no terceiro núcleo, onde, por via de

um protocolo com a Sociedade Nacional de Belas Artes, o Santuário desafiou importantes artistas contemporâneos portugueses a interpretar, a partir da sua estética pessoal, os símbolos da Virgem Mãe.

“As formas e as cores de novas iconografias” do quarto núcleo evidenciam a inovação estética com que Maria foi olhada ao longo dos tempos, através de representações escultóricas de Nossa Senhora de artistas como Clara Menéres e António Manuel Soares dos Reis. O núcleo inclui também criações artísticas que, pela sua estética, não foram aceites pelos fiéis, numa expressão da tensão entre a criação e a receção da obra de arte sacra.

A exposição centra-se na escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima a partir do quinto núcleo, onde é apresentado um percurso que vai desde a sua criação iconográfica, passando pela encomenda e fixação do modelo, a sua propagação pelo mundo e interpretação pelos artistas plásticos. Neste espaço, é apresentada a primeira pagela que circulou entre a multidão da Cova da Iria, a 13 de outubro de 1917, onde a Aparição é representada através de uma foto da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, da Sé de Leiria, que também se encontra

ali exposta.

É no quinto núcleo que se encontra uma redoma de vidro onde está representada, em tamanho real, uma foto com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na Capelinha das Aparições. É neste espaço que, na tarde de 13 de junho de 2020, data em que se assinala a chegada da Imagem no Santuário, os visitantes terão a oportunidade de admirar, de perto, a escultura que é um dos mais importantes ícones marianos atuais do catolicismo.

O penúltimo núcleo apresenta, através de diferentes representações da Virgem Maria, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima como paradigma da discussão acerca do diálogo entre a arte antiga e a arte contemporânea.

Na conclusão, são revelados os mitos, desafios e a herança da Imagem. Neste ponto, são mostrados os cuidados de conservação da escultura e demonstrado que o vigor da escultura criada em 1920 reside, sobretudo, na eficácia de fazer acontecer imagens que interessam ao mundo, entre as quais a imagem nupcial, da realeza, da proteção materna e da paz.

Na última instalação da exposição, em frente a uma maquete da escultura de Nossa Senhora dos Pastores, o visitante é convidado a experimentar sensorialmente a afirmação que o Papa Francisco proferiu na homilia na Cova da Iria a 13 de maio de 2017 de que Fátima é um “manto de Luz”, através da projeção da face no manto da maquete.

Com esta nova exposição, o Santuário de Fátima assume a linguagem da cultura dos museus e a via da beleza como uma das formas de transmissão dos conteúdos da mensagem de Fátima e da sua história. A entrada na exposição é livre.

Horário da Exposição

Convivium de Santo Agostinho
Basílica da Santíssima Trindade

Todos os dias, das 9h00 às 18h00
Visitas Guiadas às 11h30 e 15h30



Os Doentes e os Servitas

Nuno Neves | Presidente do Secretariado Nacional do MMF

No mês passado falámos do Retiro dos Doentes; em como estes são um dos carismas do Movimento da Mensagem de Fátima. Em tempo de Natal, os doentes têm um lugar muito especial nos nossos corações e as nossas orações, visitas, cuidados, amor são o melhor presente que eles podem ter. No apoio aos Retiros dos Doentes estão os Servitas que têm uma nobre missão ao serviço do mais frágil e de Nossa Senhora de Fátima.

Nunca é de mais lembrar a sua origem e também o testemunho do seu trabalho, o que também faremos ao longo dos próximos números da Voz de Fátima.

Do jornal Voz de Fátima de 13 de julho de 1924

Após a Santa Missa, celebrada na capelinha pelo Sr. Dr. Formigão, no dia 14 de junho último, o Sr. Bispo de Leiria fundou a Associação Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dando-lhe regras que os hão de dirigir e recebendo o juramento, que lhe prestaram sobre os Santos Evangelhos, da sua observância. Foi nomeado capelão-diretor o Rev. Dr. Manoel Marques dos Santos.

Regras a seguir pelos Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima



Art. 1 – Os Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima formam uma piedosa associação de caridade, cujo fim principal é auxiliar os doentes e peregrinos.

Art. 2 – Prestarão a todos, mas especialmente aos pobres, os cuidados espirituais e materiais que a sua prudência lhes di-

O Testemunho de um Servita

Joaquim Fernandes é de Coimbra e é Servita. Responsável pela equipa diocesana, diz com uma tremenda convicção “os servitas tornam-se uma família”. Ser servita é servir o doente, dar comida, ajudar a locomover, a limpar os quartos, a dar banho e por aí fora, servir.

Nos Retiros de Doentes, de manhã, os Servitas trazem o doente para a capela, para a oração da manhã. Depois no pequeno-almoço, formam-se dois grupos, o grupo A de Servitas serve os doentes, o B come. No dia seguinte inverte-se a situação. Esta tarefa inclui levantar as mesas e pô-las de novo.

No segundo dia há a ida aos Valinhos, para percorrer a Via-Sacra; eu apoio aqueles que vão de cadeira de rodas. É uma alegria enorme, porque é uma preparação para a confissão. Os doentes encaram o sofrimento com alegria, dão uma lição aos Servitas. No fim do jantar vão visitar os túmulos dos pastorinhos...

Os doentes ao terceiro dia vão à Santíssima Trindade. Fazem uma adoração ao Santíssimo Exposto para falarem com Jesus, à imagem do São Francisco Marto. É qualquer coisa de extraordinário! Nas datas que coincidem com as Aparições, participam na missa dos doentes, na colunata. Assistem à procissão eucarística, escutam a palestra do Presidente do MMF e vão à procissão das velas.

Joaquim recorda que um doente ao segundo dia queria ir-se embora. Foi à Via-Sacra. A seguir quando voltaram, o Joaquim disse-lhe “não almoço, não quero estar fechado, se não se importa vou confessar-me”. O tal doente olhou para o Joaquim e disse “Eu vou com o senhor Joaquim”. Depois de se confessar agarrou-se ao Servita Joaquim a chorar. Estava e está convertido. Foi extraordinário!

tar, orando pela conversão dos pecadores e alívio dos doentes e procurando, durante as peregrinações e atos de culto, se observe a máxima ordem e respeito.

Art. 3 – Trabalhando a favor do próximo, procurando santificar-se a si mesmos e dar o bom exemplo de uma vida integral-

mente cristã.

Único – os servos de Maria têm uma participação muito especial nas orações e sacrifícios dos devotos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Art. 4 – Mulheres cristãs, sob o título de servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, formarão uma associação análoga.

Natal, nascimento de Jesus

Pe. Dário Pedroso

Se Jesus não nasce em nós, na vida, no coração, na alma, na nossa casa e família, na paróquia, nas nossas relações com os outros, não vai haver verdadeiro Natal, pois não há nascimento, ou então não há Natal pois não renascemos para Deus, para uma vida de mais amor, de mais serviço, de mais entrega, de maior generosidade para com Deus e para com os homens. Sem nascimento não há verdadeiro Natal. E este nascimento exige conversão, mudança, abertura à graça que converte e transforma, que cristifica e diviniza. Não basta o presépio, a árvore de Natal, menos ainda o pai natal. Não bastam as prendas, as jantaras, os passeios, as toilettes novas. Andá muita gente enganada, iludida, com

cegueira de alma e de coração, sem perceber bem que a graça do Natal, a festa do Natal, é o nascimento de Deus em nós, que nos faz renascer para Ele.

Fátima, com as aparições do Anjo e de Nossa Senhora, produziu verdadeiro renascimento nos Pastorinhos e em muitos à sua volta. Fátima foi Natal espiritual, renascimento. Deus e a sua graça mudaram os corações e as vidas dos pastorinhos e eles renasceram para uma vida nova, para uma vida em amor e em santidade. Fátima, com a escuta atenta do que nos disse o Anjo e Nossa Senhora, do que depois nos tem dito e ensinado a Igreja acerca deste acontecimento espiritual, tem de ser em nós, sobretudo nos devotos de Fátima, nos membros do Movimento da

Mensagem, nos nossos peregrinos que vêm ao Santuário, ou daquelas pessoas que no mundo inteiro amam Fátima e a Senhora da Mensagem, verdadeiro nascimento espiritual, de conversão a mais oração, mais penitência, mais amor a Jesus Eucaristia, mais tempos de adoração, mais amor e oração pelos pecadores, mais dedicação aos pobres, aos doentes, aos que vivem na miséria humana ou espiritual. Só assim haverá verdadeiro Natal. Fátima ajudar-nos-á a viver o Advento e o Natal de um modo mais eclesial e evangélico.

Com as aparições sabemos como os Pastorinhos tiveram a graça e o gosto de se comprometerem com mais oração, vida mais santa, mais caridade para com os pobres e doentes, mais

penitência para ajudar a converter pessoas, mais gosto em adorar a Jesus Eucaristia, mais amor ao Papa e à Igreja, mais sentido de obediência, mais horror ao pecado, mais alegria de rezaram e de estarem em comunhão com Deus, mais desassombro em falarem às pessoas de Deus e da oração, mais empenho em orarem bem o terço, etc. Aconteceu, pelo poder do Espírito, Natal nas suas vidas. Que maravilha! Fica-nos este desafio, este convite, este apelo.

Parece que vêm muitas pessoas a Fátima, até em peregrinação a pé, pagam as suas promessas, mas não participam na Eucaristia e não se confessam. Nestes talvez não haja Natal. Deus não nasceu dentro deles e não se abriram ao amor e à gra-

ça. E muitos outros vêm a Fátima, rezam e comungam, mas continuam na crítica destrutiva, na vaidade fútil, num orgulho doentio, numa vida pouco generosa com os outros. Nestes talvez não haja Natal. Parece que não tomamos a sério os convites do Anjo e da Senhora. Bastava ouvi-los e pô-los em prática com mais generosidade para sermos santos. As mensagens mergulham-nos em Deus, no amor do Senhor, no caminho da santidade. Quem se compromete a viver as mensagens mais plenamente não pode deixar de sentir a sua vida mudar, a vida da graça a fazer maravilhas, a crescer na santidade como os Pastorinhos, pois está a viver em contínuo renascimento; há Natal na sua vida em cada dia do ano.

O Movimento da Mensagem de Fátima e a arquidiocese de Évora

Os Cruzados de Fátima

D. Francisco Senra Coelho | Arcebispo de Évora



Foi graças ao arcebispo D. Manuel Mendes Conceição que Évora iniciou o seu percurso da descoberta da Mensagem de Fátima.

A arquidiocese de Évora beneficiou da intuição espiritual que o seu Arcebispo, o Servo de Deus D. Manuel Mendes da Conceição Santos (1921-1955), manifestou face ao fenómeno das aparições de Fátima. Assim, muito cedo Évora iniciou o seu percurso da descoberta da Mensagem de Fátima, pois o seu Pastor não duvidava comprometer-se publicamente com a verdade das aparições e com a sua mensagem. Foi D. Manuel Mendes da Conceição Santos quem no ano de 1928 procedeu à bênção da primeira pedra da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Percebemos que esta primeira pedra alicerça a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, mas também a consciência dos bispos portugueses de que Fátima era um tema credível e merecedor da melhor atenção e acompanhamento pastoral dos primeiros pastores da Igreja portuguesa. De facto, o arcebispo de Évora surgia, no contexto dos seus pares, como homem consensualmente tido por prudente, inteligente, piedoso, trabalhador e santo. Era mesmo apelidado de “o Arcebispo Santo”. Parece-nos perceber nas entrelinhas da hermenêutica histórica, os motivos pelos quais o Céu escolheu D. Manuel Mendes

para benzer a primeira pedra do alicerce daquela que haveria de ser a primeira Basílica de Fátima. É que, desde muito cedo, a Imagem da Virgem, hoje venerada na Capelinha das Aparições, iniciou a visita à arquidiocese de Évora, acompanhando o prelado eborense nas suas longas incursões pelo interior alentejano e ribatejano.

Com o evoluir dos pedidos da Imagem, o Santuário da Cova da Iria decidiu mandar fazer a primeira Imagem Peregrina, efetivamente coroada pelo mesmo arcebispo de Évora, no dia 13 de maio de 1947. Sabemos que, posteriormente, as suas visitas pastorais, sempre de caráter missionário, eram habitualmente acompanhadas por uma Imagem do Coração Imaculado de Maria, mandada esculpir pelo próprio arcebispo e que ainda hoje se encontra na vice-postulação da sua causa de canonização. Talvez devido a este aturado labor do prelado eborense, a arquidiocese de Évora nunca beneficiou do trabalho sistemático levado a efeito pelo Secretariado Nacional do então Movimento dos Cruzados de Fátima, através das visitas fundadoras e estruturadoras que o Reverendo Padre Manuel Antunes fez a quase todas as dioceses do país, juntando-se Évora às poucas não

excetuadas. Provavelmente por isso, e contrariamente à maioria das dioceses, Évora nunca contou com uma generalizada presença de secretariados paroquiais do Movimento da Mensagem de Fátima, mas tão somente com a distribuição dos jornais Voz da Fátima, feita exclusivamente pelo voluntariado, e com o sentido de Igreja do chanceler da cúria diocesana, que aproveitando as visitas dos párcos aos serviços centrais da arquidiocese lhes entregava os rolos mensais do respetivo jornal.

Importa referir que, durante o pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro (1955-1965), foi o seu bispo auxiliar e futuro bispo de Díli, D. José Joaquim Ribeiro que continuou e propagou o método do seu grande mestre, D. Manuel Mendes da Conceição Santos. Entre 1965 e 8 de Dezembro de 1981, o Movimento dos Cruzados de Fátima, na arquidiocese de Évora reduzia-se à distribuição do jornal Voz da Fátima às paróquias, a partir da Câmara Eclesiástica e através dos Reverendos Párcos.

No próximo número de janeiro a 2.ª parte deste artigo, relativa ao já Movimento da Mensagem de Fátima na Diocese de Évora.

Encontro Interdiocesano em Fátima | Alfredo Serra

O primeiro encontro interdiocesano do setor infantil do Movimento da Mensagem de Fátima realizou-se no passado dia 26 de outubro, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, com a presença de mensageiros responsáveis das dioceses de Leiria-Fátima e de Portalegre-Castelo Branco.

A adoração a partir das aparições angélicas narradas nas Memórias de Lúcia foi o mote escolhido pela Irmã Amália para conduzir a meia dúzia de participantes por uma Escola

de Adoração protagonizada na vivência espiritual dos verbos propostos em conjugação imperativa: reconhece, motiva-te, descalça-te, cala, escuta, dialoga, agradece, intercede, suplica, entrega-te, contempla e ama.

Na reflexão acerca das palavras e atitudes orantes do Anjo, em si sendo real a presença divina, ficou claro que as aparições do Anjo se configuram como excelente catequese de Adoração para os pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta. Ao longo de toda a

palestra, a irmã Amália desenvolveu à exaustão os dinamismos interiores provocados pela Adoração.

Ficou claro e confirmado que toda a mensagem de Fátima entronca no Evangelho de Jesus Cristo e decorre do projeto de Salvação de Deus para nós, que nos quer em relação filial com Ele. E por isso o desafio final: “deixa-te possuir, disponibiliza-te... contempla, ama... vive a Adoração como tempo e lugar propícios para dizer “Eis-me aqui, Senhor!”

TESTEMUNHO DO MENSAGEIRO



Nas jornadas Marianas da Guarda, o mensageiro José Manuel Saraiva declamou um poema de louvor a Nossa Senhora, que emocionou a vasta audiência presente.

(Nas nossas páginas abrimos uma nova rubrica o “Testemunho do Mensageiro”, onde o mensageiro pode dar o seu testemunho através da sua história com Nossa Senhora, ou como o caso, um poema que lhe vem diretamente da alma e do coração.)

Dia 17 de novembro, na Guarda, celebraram-se as Jornadas Marianas da respetiva diocese, presididas pelo seu bispo, D. Manuel Felício, com a presença e empenho do assistente diocesano, P. Eduardo, nas quais, perante uma vasta e atenta audiência, a Dra. Branca Paul testemunhou de uma forma viva, documentada e emotiva os anos em que foi médica da Irmã Lúcia, até à sua morte, inclusive. Contou com a presença do presidente diocesano do MMF da Guarda, Dr. António, médico, que deu um bonito testemunho da Mensagem de Fátima, também com essa visão de médico. No tão concorrido e rezado dia Mariano, não passou despercebida a espontânea intervenção de um Mensageiro, um peregrino de Nossa Senhora de Fátima, um poeta, que com simplicidade e humildade, apanágio de Fátima, declamou o poema que se segue que a todos emocionou:

Obrigado, minha Mãe

José Manuel Saraiva – Mensageiro da Guarda

Ave, Cheia de Graça;
Disse o anjo a Maria;
E logo nesse dia;
foi a Mãe do Redentor.

Nossa Senhora da Guia;
Causa da nossa alegria;
Iluminai Nossos Caminhos;
Senhora dos Pastorinhos;
Nossa Senhora da Luz

Num mundo tão conturbado;
Onde impera o pecado;
E onde não há amor;
Senhora da minha fé;
Maria da Nazaré,
Senhora Mãe do Meu Senhor

Quando o Senhor nos chamar;
Cobri-nos com o Vosso Manto;
Nossa Senhora do Pranto;
Levai-nos a Jesus, Nossa Senhora da Cruz;
Agora e sempre também;
Obrigado, MINHA MÃE.

Vice-reitor do Santuário apresentou Fátima como lugar que reúne a Igreja viva

Na missa da peregrinação mensal de novembro, presidida pelo Pe. Vítor Coutinho, celebrou-se a Dedicção da Basílica da Santíssima Trindade.

Diogo Carvalho Alves



Na homilia da missa da peregrinação mensal de novembro, na qual se celebrou a Solenidade da Dedicção da Basílica da Santíssima Trindade, o vice-reitor do Santuário de Fátima, Pe. Vítor Coutinho, refletiu sobre a consciência eclesial a partir da igreja edificada, apresentando o Santuário de Fátima como espaço que reúne a Igreja viva através da experiência da oração, da celebração e da peregrinação.

“O que hoje celebramos não é o feito arquitetônico de uma constru-

ção ou o aniversário deste edifício. Celebramos a dedicação desta igreja porque ela é expressão da verdadeira Igreja, que somos nós; porque este espaço nos dá a possibilidade de nos construirmos como Igreja, de nos sentirmos como irmãos e irmãs na fé, vindos de lugares diferentes, e porque ele nos permite experimentar a presença de Jesus no meio de nós”.

Ao lembrar a gênese do Santuário de Fátima no pedido de Nossa Senhora para que se construísse uma capela no lugar das Aparições,

o sacerdote apresentou o espaço edificado na Cova da Iria como lugar onde também se faz esta experiência de Igreja “orante, celebrante e peregrina”.

A Igreja da Santíssima Trindade foi dedicada em 12 de outubro de 2007 pelo cardeal Tarcísio Bertone, então Secretário de Estado do Vaticano e legado pontifício do Papa Bento XVI para o encerramento do 90.º aniversário das aparições de Nossa Senhora aos três pequenos pastores videntes.

Fátima “é a mais mística das aparições modernas” afirma Pe. José Nuno Silva

Capelão do Santuário, Pe. José Nuno Silva, encerrou o ciclo de ‘Encontros da Basílica’ do ano pastoral de 2018-2019.

Carmo Rodeia

O diretor do Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima, o Pe. José Nuno Silva, apresentou, no passado dia 10 de novembro, a conferência intitulada “Fátima, lugar de fragilidade – doença e pecado”, na qual afirmou que Fátima “é a mais mística das aparições modernas”.

“Já foi definida como a mais profética das aparições e até a mais política. Defini-a eu e tentei justificá-la como a mais ética das aparições. Já aí partilhei uma convicção que, progressivamente, se me foi impondo ao longo destes três anos que levo aqui: Fátima é também a mais mística das aparições modernas”, afirmou o sacerdote que proferiu a última conferência do ano pastoral de 2018-2019 integrada no ciclo ‘Encontros da Basílica’.

A conferência, apresentada “não

como o fruto de uma reflexão livreca” mas como “uma meditação” – com raízes no período “mais qualificante” da vida do autor como capelão hospitalar, durante 18 anos –, teve como ponto de partida a interrogação que “queima o íntimo da condição humana”, isto é, “a misteriosa articulação que o espírito humano estabelece entre a doença e o pecado, mais radicalmente o sofrimento e o mal, mais radicalmente, ainda, entre a culpa e a morte: senhor padre, o que é que eu fiz para merecer isto?, ou: porque é que Deus me castiga desta maneira?” e conclui que Fátima oferece “não a resposta, porque para as interrogações do mistério não há resposta”, mas as “propostas de caminho no silêncio, propostas de procura silenciosa” a cada um de nós e a toda a

humanidade, que nos remetem para a misericórdia e para o amor de Deus.

“O olhar do Homem sobre Deus na experiência do sofrimento diante do mistério da sua fragilidade teria de fazer parte da narrativa que Deus humanamente conta em Fátima”, afirmou ainda recordando o papel de Nossa Senhora há cem anos, na Cova da Iria.

O habitual momento musical que se seguiu à palestra foi interpretado pelo Coro de Câmara VianaVocale, sob a direção de Vítor Lima e acompanhamento do fagotista Filipe Novais e do organista Diogo Zão.

Todas as sessões dos ‘Encontros na Basílica’ acontecem ao domingo, às 15h30, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com entrada livre.

Fátima mostra-nos como o “amor triunfa diante dos dramas da História”

14.ª Edição do Curso sobre a Mensagem de Fátima, no qual participaram cerca de quatro centenas de pessoas, apresentou Fátima como um “dom” que permite ultrapassar a “falta de esperança e as incertezas do mundo atual”

Carmo Rodeia



A interioridade da oração, da reparação e da consagração “parecem coisas escondidas”, mas encerram “uma força renovadora do mundo” e a Mensagem de Fátima, ao propô-las, oferece uma espiritualidade para uma vivência do quotidiano segundo o coração de Deus para o nosso tempo, afirmou a Irmã Ângela Coelho, vice-postuladora da causa de beatificação da Irmã Lúcia, que orientou uma vez mais a edição deste ano do Curso sobre a Mensagem de Fátima, intitulado “O triunfo do amor nos dramas da História”.

“Fátima foi um dom e é um dom para Portugal e para a Igreja e nós temos a responsabilidade de pôr este dom a render, como na parábola dos talentos. E temos de perguntar o que estamos a fazer com este dom, o que é que eu, em particular, estou a fazer com este dom”, afirma a Irmã Ângela Coelho em declarações ao Jornal Voz da Fátima.

“Apesar dos dramas da história e da nossa história cheia de dramas, incluindo o século XXI, o mal não terá a última palavra. O triunfo será sempre o amor e foi isto que Nossa Senhora veio aqui dizer há cem anos e que nos módulos finais do curso, expressámos através da importância da oração, da reparação e da consagração”, afirmou a ex-postuladora da causa de canonização dos santos Francisco e Jacinta Marto: “Esta é uma chave de leitura que nós, crentes, entendemos facilmente: a interioridade da oração, da reparação e da consagração parecem coisas escondidas mas, como dizia o cardeal Ratzinger, têm uma força enorme e que é renovadora do mundo, porque o triunfo do amor na História Universal começa por ser o triunfo do amor na minha própria história pessoal, na história daqueles com quem vou construindo

as minhas relações, desde a família ao trabalho, e isto, levado à máxima dimensão, vai transformando a História do mundo”, esclareceu ainda.

“Nós falamos em dramas não em tragédia, porque esta parece não ter solução. O drama é algo difícil, que gera sofrimento, mas tem sempre solução e nós cristãos acreditamos que o amor de Deus e o seu triunfo no mistério pascal nos remetem para a salvação. Ora, como instrumentos Dele, cooperando com Ele, também nós podemos ser agentes reveladores dessa salvação”, prossegue a vice-postuladora ao esclarecer que a grande ‘chave de leitura’ deste curso é a de “que nós alertados para a possibilidade do sofrimento, diante dos males deste nosso mundo, saibamos que há alguém que nos ama, que se preocupa e que não estamos sozinhos”.

O curso que, uma vez mais, procurou aprofundar a espiritualidade de Fátima, refletiu sobre vários temas, de entre os quais se destaca: Maria como intercessora e como expressão da presença materna de Deus; A importância da oração do Rosário; o Coração Imaculado de Maria como expressão da compaixão de Deus pelo mundo; A pedagogia do segredo: do medo à esperança; A reparação como convite a participar na ação salvífica de Deus; A consagração como entrega e acolhimento.

A exemplo das edições anteriores, o Curso sobre a Mensagem de Fátima deu a conhecer, de forma abrangente e articulada, o essencial da Mensagem de Fátima, enquanto mensagem de paz e de esperança para toda a humanidade, expondo os elementos fundamentais das Aparições da Cova da Iria e sistematizando aspetos temáticos, teologicamente enquadrados, numa relação dialógica com questões específicas da vida cristã.

FÁTIMA e os PAPAS



“Queridos peregrinos,
temos Mãe, temos Mãe!”



Diante de milhares de peregrinos, Francisco refletiu sobre a mensagem de Fátima e os seus protagonistas, no dia em que dois deles foram canonizados.

Neste tempo de Advento, que é um tempo de espera e de luz, recuperamos a maternidade de Maria a partir das palavras do Papa Francisco, na homilia que proferiu na missa em que canonizou os santos Francisco e Jacinta Marto.

Carmo Rodeia | Texto elaborado a partir do site www.fatima.pt

“Temos Mãe! Uma ‘Senhora tão bonita’: comentavam entre si os videntes de Fátima a caminho de casa, naquele dia 13 de maio de há cem anos. E, à noite, a Jacinta não se conteve e desvendou o segredo à mãe: ‘Hoje vi Nossa Senhora’. Tinham visto a Mãe do Céu. Queridos peregrinos, temos Mãe, temos Mãe! Agarrados a Ela como filhos, vivamos da esperança que assenta em Jesus [...]. Seja esta esperança a alavanca da vida de todos nós! Uma esperança que nos sustente sempre, até ao último respiro”, afirmou o Papa Francisco na homilia da celebração do dia 13 de maio de 2017, durante a qual canonizou os santos Francisco e Jacinta Marto.

Prosseguiu: “Com esta esperança nos congregamos aqui para agradecer as bênçãos sem conta que o Céu concedeu nestes cem anos, passados sob o referido manto de luz que Nossa Senhora, a partir deste esperançoso Portugal, estendeu sobre os quatro cantos da Terra. Como exemplo, temos diante dos olhos São Francisco Marto e Santa Jacinta, a quem a Virgem Maria introduziu no mar imenso da luz de Deus e aí os levou a adorá-Lo. Daqui

lhes vinha a força para superarem contrariedades e sofrimentos. A presença divina tornou-se constante nas suas vidas, como se manifesta claramente na súplica instantânea pelos pecadores e no desejo permanente de estarem junto a ‘Jesus Escondido’ no Sacrário”.

E deixou uma prece: “sob a proteção de Maria, sejamos, no mundo, sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilha na Páscoa, e descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor”.

À luz da fé, os cristãos intuem e percebem que temos uma Mãe no Céu, não somos órfãos; que esta Mãe nos acompanha nas lutas da nossa vida e da nossa História e nos indica o caminho para o Céu, sempre em grande proximidade porque participa da proximidade de Deus conosco; conhece o coração íntimo de cada um de nós, como conheceu o do seu filho, que acompanhou até ao fim, como todas as mães, mesmo quando não entendeu

como a vontade de Deus se concretizaria. Intuitivamente, ela estava ao lado do filho, como todas as mães estão ao lado dos seus filhos, de forma absolutamente fiel. Mesmo sem entender, ela foi capaz de acolher, de ser aquela que fomenta a hospitalidade, de ser uma referência ao ajudar com a sua bondade materna.

Isso mesmo transmitiu aqui, em Fátima, de uma maneira particular a Lúcia, quando lhe disse: “não desanimes, Eu nunca te deixarei. O meu imaculado coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

A “esperança” trazida pelo caminho do Céu apontado por Maria, desde o Seu primeiro ‘Sim’, é exemplo para a nossa entrega ao próximo.

“Sempre que rezamos o terço, neste lugar bendito como em qualquer outro lugar, o Evangelho retoma o seu caminho na vida de cada um, das famílias, dos povos e do mundo”, afirmou o Papa Francisco na saudação introdutória à Vigília Mariana, no dia 12 de maio de 2017.

“Os três privilegiados ficavam dentro da luz de Deus que irradiava de Nossa Senhora. Envol-

via-os no manto de luz que Deus lhe dera. No crer e no sentir de muitos peregrinos, senão mesmo de todos, Fátima é sobretudo este manto de luz que nos cobre, aqui como em qualquer outro lugar da Terra quando nos refugiamos sob a proteção da Virgem Mãe para lhe pedir, como ensina a Salve Rainha, ‘mostrai-nos Jesus’”, afirmou ainda Francisco na homilia da missa da canonização dos santos Francisco e Jacinta Marto.

“Irmãos e irmãs, obrigado por me acompanhardes! Não podia deixar de vir aqui venerar a Virgem Mãe e confiar-lhe os seus filhos e filhas. Sob o seu manto, não se perdem; dos seus braços virá a esperança e a paz que necessitam e que suplico para todos os meus irmãos no Batismo e em humanidade” concluiu.

Ninguém esperou mais pelo Menino que a Sua mãe. Durante nove meses, Maria carregou dentro de si o Salvador e viveu o mistério da maternidade: gerou vida dentro de si. A gravidez de Maria foi o advento plenamente vivido e, hoje, podemos também vivê-lo na companhia da Mãe de Deus, aqui em Fátima, segundo o Papa Francisco.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima



Pe. José Nuno Silva

A paz no mundo e a perseguição dos cristãos

Era o dia 1 de maio de 2018. O local toca-nos particularmente: a Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Bangui, capital da República Centro-Africana. Nessa manhã, os católicos reuniram-se para celebrar a Eucaristia e, de repente, a Igreja foi atacada à granada e com metralhadoras. 20 mortos, diz o Relatório da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre. Uns meses depois, a 15 de Novembro, foi atacada a Catedral de Bangui e um campo de refugiados na sua maioria cristãos. Uma tragédia imensa e sem fim à vista. Esta Catedral não é como as outras catedrais. Foi aqui que, na tarde do primeiro Domingo do Advento de 2015, o Papa Francisco realizou um ato de profundo significado, abrindo antecipadamente uma Porta Santa da Misericórdia. E disse: “Hoje, Bangui torna-se a capital espiritual do mundo. O Ano Santo da Misericórdia chega adiantado a esta terra; uma terra que sofre, há diversos anos, a guerra e o ódio, a incompreensão, a falta de paz. Mas, simbolizados nesta terra sofredora, estão também todos os países que estão passando através da cruz da guerra. Bangui torna-se a capital espiritual da súplica pela misericórdia do Pai. Todos nós pedimos paz, misericórdia, reconciliação, perdão, amor... para Bangui, para toda a República Centro-Africana, para o mundo inteiro. Para os países que sofrem a guerra, peçamos a paz; todos juntos, peçamos amor e paz”.

As palavras do Papa, sobre o Deus da misericórdia e a oração pela paz, lembram uma conjugação do essencial da mensagem de Fátima com a realidade dum país e duma zona do mundo onde a falta de paz e a perseguição dos cristãos são o pão de lágrimas de cada dia, a responsabilizar a solicitude orante de todos os que leem a história a partir da Cova da Iria.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima e diretor do Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima

Fazer a Paz “é uma responsabilidade diante de Deus” adianta D. Wilmar Santin

O Prelado da diocese de Itaituba, no estado do Pará, Brasil, esteve em Fátima de passagem entre Roma, onde participou no Sínodo dos Bispos para a Amazônia e o Brasil. Carmelita, doutorado em História da Igreja, foi ordenado bispo pelo Papa Bento XVI e, numa entrevista à Voz da Fátima falou dos desafios que a Mensagem deixada por Nossa Senhora coloca nos dias de hoje, da expectativa em relação à exortação pós-sinodal e dos temas fraturantes que marcaram a reunião no Vaticano, a que o Papa assistiu participando em todas as sessões plenárias.

Carmo Rodeia

A Paz é um tema muito central em Fátima. O que é que a mensagem de Fátima pode trazer ao mundo na composição da ecologia integral que o Papa defende?

Para a definição dessa ecologia temos de partir sempre da nossa fé e o que nos diz a nossa fé; quando a professamos, é que “cremos em Deus, Pai todo poderoso, Criador do Céu e da Terra...”. Se nós cremos que Ele é o criador e que vemos o mundo e o planeta terra, em concreto, como uma criação de Deus, que nos foi deixada como herança, temos de cuidar dela. Temos de nos assegurar de que aquilo que deixamos às futuras gerações, se não estiver melhor, pelo menos que esteja tão bem como nos foi deixado. Esta é a nossa obrigação.

Mas não é isso que temos feito, nomeadamente na Amazônia de onde vem...

É... comportamo-nos mais como o filho pródigo e esbanjamos a nossa herança. Temos de ser capazes de fazer melhor e não esbanjar a nossa herança. Nós temos uma responsabilidade diante de Deus: fazer a Paz. E a paz não tem de ser simplesmente ausência de guerra.

O que é que está a acontecer, então, para nós que nos dizemos cristãos não estarmos a fazer nada daquilo que dizemos, em profissão fé?

Nós estamos a deixar-nos levar muitas vezes por uma visão errada da vida, por um progresso que se tornou ele próprio vítima de si. Que progresso é este que não preserva a natureza, que destrói o homem e o torna escravo das suas opções?

Comportamo-nos como donos em vez de administradores?

Sim, sem dúvida.

Fátima alertou-nos para o perigo da arrogância do homem através da sua condição de pecador...

Sem dúvida, a Mensagem de Paz que daqui ecoou para o mundo inteiro há cem anos continua a ser atual. Nossa Senhora apareceu no final da guerra; ela pediu oração pela Paz. A Igreja tem de voltar a ser capaz de ensinar a rezar pela Paz. E a Paz não tem que ser só a ausência de guerra, no sentido bélico. Isto não é algo que esteja acima de nós. Cada um precisa de paz e na justa medida em que formos capazes



de alcançar individualmente a paz também conseguiremos contagiar os outros com essa mesma paz. Quando acontece a conversão do coração, cada pessoa é agente e instrumento de mudança do seu mais próximo e assim sucessivamente. Havendo a pacificação de cada um existirá, portanto, uma pacificação gradual do mundo: primeiro na família, depois na sociedade e depois a paz entre países... Reze-se o terço; é muito importante e o Papa tem insistido.

O Senhor Bispo vem de Roma, onde participou nos trabalhos do Sínodo. O que espera da exortação apostólica pós-sinodal?

Não vai ter grandes novidades, mas vai indicar um caminho que se iniciou com a preparação do Sínodo e que não vai ter mais volta. Nós vamos ter de mudar a Igreja na Amazônia. Criar uma Igreja mais ministerial. Não tem mais como ficarmos centralizados na figura do bispo e do padre. A Amazônia é um bom lugar para fazer cumprir o que foi decidido pelo Concílio Vaticano II. A Igreja Católica tem uma estrutura que está muito centralizada na figura do padre. As Igrejas Evangélicas têm uma outra flexibilidade e, por isso, chegam sempre aos locais primeiro que nós. Precisamos de mudar para cumprir melhor a missão que Jesus nos confiou: levar a Boa Nova aos confins do mundo. Não estamos a conseguir porque temos uma estrutura muito pesada e muito hierarquizada. Temos de criar um mecanismo que nos garanta uma maior agilidade na tomada de decisões, que descentralize a decisão do padre e, por outro lado, garanta uma maior mobilidade.

O que é que isso quer dizer em concreto?

Por exemplo, na Amazônia

queremos ter a possibilidade de ordenar homens casados. Não se trata de abolir a regra do celibato ou que os atuais padres possam casar. O que foi pedido e sugerido ao Papa Francisco foi a possibilidade de cada diocese explorar aquilo que o Direito Canônico já permite: homens casados que, em comunidades recônditas, onde existem dificuldades comprovadas de impossibilidade de deslocação regular de um sacerdote, o possam substituir e celebrar todos os sacramentos. Mas para isso terá de ser ordenado. Agora cabe ao Papa o estabelecimento dos critérios.

Isso implica também mulheres?

Aí já é mais complicado... Porque se há registro de que no passado, na Igreja primitiva, havia diaconisas a verdade é que ainda não se chegou à conclusão do modo como eram ordenadas ou se o eram, nomeadamente se havia a imposição das mãos. Enquanto isso não se provar acho que a questão não será resolvida. Nessa matéria o sínodo propôs ao Papa a continuidade de mais estudos sobre o assunto. Mas a realidade mostra-nos que as mulheres já estão ao serviço. Na prática, e indo à etimologia da palavra, as mulheres já estão a exercer o Diaconado e até, vamos dizer, um poder do Evangelho quando Jesus diz que o maior é aquele que serve. Elas são as maiores servidoras da Igreja e do povo de Deus, seja como catequistas, seja como líderes comunitárias.

Têm o poder da influência, mas não têm o da decisão nem têm acesso ao Sacramento da Ordem.

Sim, mas olhe que no Brasil não é assim. Veja bem a realidade: na maioria das faculdades as mulheres lideram na Academia; estão em maior número e ocupam posições importantes; estando mais capacitadas têm lugares mais importantes. Na sociedade civil as mulheres estão a assumir protagonismo; nalgumas dioceses, como na minha, por exemplo, mais de 70% do governo da diocese já está entregue a mulheres. É uma questão de tempo. Porque é que nós havemos de querer introduzir alterações noutra velocidade? A estrada mais longa é a que vai da cabeça ao coração; mudar a cabeça e enviar para o coração, exige muito mais tempo, mas não quer dizer que não chegue lá.

AGENDA

dezembro

15 dom	DOMINGO III DO ADVENTO Bênção das Imagens do Menino Jesus CONCERTO DO NATAL 15h00 Centro Pastoral de Paulo VI Grande Coral de Natal - Coro Vox Laci Direção Isak Lucena
24 ter	VIGÍLIA DO NATAL DO SENHOR NOTA: Neste dia não se realiza o Rosário das 21h30 MISSA NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO 23h00 Basílica da Santíssima Trindade
25 qua	NATAL DO SENHOR Programa de domingo Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus
31 ter	MISSA [Com Te Deum de ação de graças] 22h00 Basílica da Santíssima Trindade [Procissão para a Capelinha das Aparições e recitação do Rosário] NOTA: Neste dia não se realiza o Rosário das 21h30

janeiro

1 qua	Toque do carrilhão Consagração ao imaculado coração de maria Gesto da paz 00h00 Capelinha das Aparições Convívio na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores SOLENIIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS Dia Mundial da Paz Aniversário do Sagrado Lausperene Programa de domingo NOTA: Neste dia não se realiza o rosário das 16h00, nem vésperas
8 dom	SOLENIIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA 10h00 Rosário (Capelinha das Aparições) 11h00 Missa (Recinto de Oração)
4 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
5 dom	SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR
12 dom	FESTA DO BAPTISMO DO SENHOR ENCONTROS NA BASÍLICA “Fátima: viver nessa luz que é Deus” (Irmã Sandra Bartolomeu) Aeternum Vocal Ensemble (Direção Davide Barros) 15h30 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima